



NAS PÁGINAS DA IMPRENSA: INTELECTUAIS E COTIDIANO EM MATO GROSSO (1880-1920) – CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA HISTÓRICO-EDUCACIONAL

Adriana Aparecida Pinto¹

RESUMO: O presente artigo evidencia o exercício de pesquisa histórica partindo do uso dos impressos de natureza periódica como documentação principal, assim constituídos como fontes de pesquisa, visando à investigação de aspectos que, embora possam ser isolados como objetos de análise historiográfica, inter-relacionam-se na convergência de um cenário comum – a configuração cultural do território mato-grossense, entre os anos de 1880 a 1920. Ao tomar a imprensa como fonte principal para a compreensão de aspectos da sociedade que se inscreve (PINTO, 2001; 2013; 2017, 2018), opacionados em fontes de outra natureza, busca-se apreender em que medida esses dispositivos foram utilizados para a promoção e difusão do ideário que reforçava a busca por modernidade e alçar as localidades em que circulavam à condição de país civilizado. Partimos do pressuposto que, em Mato Grosso, a imprensa deve ser colocada ao lado dos progressos materiais que gradativamente chegaram ao território na segunda metade do século XIX, constituindo-se ela mesma num agente transformador da sociedade e disseminador de cultura.

Palavras-chave: imprensa periódica, história; jornais de Mato Grosso.

Ao sinalizar que “o dever de um jornal não é exclusivamente procurar dar o que agrada, é também e principalmente procurar dar o que é útil, o que pode produzir proveitosos fructos, ou que ao menos sirva para despertar o gosto e o amor pelas letras” (*O Corumbaense*, n. 60, 16/02/1881, p. 01) a imprensa mato-grossense dos anos finais do século XIX, colocava-se como importante veículo de educação, comunicação e circulação de ideias no cotidiano citadino.

Os estudos realizados em pesquisas anteriores (PINTO, 2001; 2013; 2017; 2018) forneceram indicativos de que esta imprensa em

¹ Pós-Doutora no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Júlio Mesquita Filho (UNESP) e Professora Adjunto III nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Email: adrianapintoufgd@gmail.com





Mato Grosso, foi terreno fértil para a produção de saberes e circulação de ideias, disseminando valores, leituras de mundo, práticas culturais e posturas políticas. Entendendo que essa tipologia documental – impressos de natureza periódica – auxilia na compreensão de fatores opacionados em outro tipo de documentação, pautamo-nos no esforço teórico e metodológico de apresentar possibilidades do seu estudo e pontuar resultados de pesquisas relacionadas à tipologia documental, visando dar a conhecer aspectos que, embora possam ser isolados como objetos de análise historiográfica, inter-relacionam-se na convergência de um cenário comum – a configuração cultural do território mato-grossense, entre os anos de 1880 a 1920.

Por meio da pesquisa histórica é possível capturar a circulação de ideias e pessoas, no exame de jornais de períodos recuados, ainda que pesem a dificuldade de identificação de autoria, a irregularidade na sequência das publicações e o próprio acesso à documentação, por vezes encontrada em condições de leitura limitadas e acervos distintos. Mesmo com produção modesta quando comparada aos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, Mato Grosso figura nos *Anuários Estatísticos Brasileiros* (1908-1912), entre os Estados que contam com atividades editoriais desde a primeira metade do século XIX. Os primeiros jornais mato-grossenses datam de 1839/40, com circulação iniciada em Cuiabá, com frequência e regularidade limitadas e edições nem sempre contínuas.

Moraes (2003) destaca que, entre os anos de 1839 a 1878, circularam em Mato Grosso aproximadamente 13 jornais, nas décadas seguintes (1878-1920) o número de títulos aumenta vertiginosamente, passando à 73 em circulação. Essa profusão de títulos pode ser, em boa medida, atribuída ao desenvolvimento de novos centros urbanos, as cidades portuárias que sediaram boa parte dos jornais em circulação no período e ao surgimento de Partidos Políticos, Ligas, Associações Literárias, Dramáticas e Científicas que alimentavam as notícias do cotidiano mato-grossense e protagonizaram embates com setores estabelecidos na sociedade, como a Igreja e grupos políticos.



Não se pretende, neste texto, apresentar a história da imprensa ou do jornalismo de Mato Grosso: muito embora considera-se que o campo histórico ainda deve realizar essa tarefa, visto que a produção acessível se encontra alicerçada em trabalhos produzidos até a década de 1970, culminando com “A Imprensa de Mato Grosso” de Pedro Rocha Jucá, originalmente publicado em 1986 e reeditado como edição comemorativa do centenário da Imprensa em Mato Grosso (JUCA, 2010). No entanto, a proposta abre caminhos para estudos futuros sobre história e educação em/sobre Mato Grosso, visto que a imprensa figura como um espaço de alocação, formulação e divulgação da dimensão político-social, em primeira instância, mas também cultural. Sobre a importância da imprensa e sua representatividade como força dominante nos processos de produção e circulação do conhecimento, Sergio Miceli assevera:

Não havendo, na República Velha, posições intelectuais autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação. Em termos concretos, toda vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção intelectual da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais. (MICELI, 2001, p. 17, grifos nossos)

No sentido de exemplificar estratégias de mapeamento e organização das informações coligidas em jornais examinados, o quadro abaixo fornece elementos para iniciar a compreensão do cenário e delinear questionamentos:

Quadro 1 – Circulação e especificidades dos jornais mato-grossenses entre os anos de 1880 a 1920

Jornal/ Localidade	Período de circulação	Período em estudo	Valor avulso	Circulação Dia da semana	Valor das assinaturas			
					Mensal	Trimes.	Semes.	Anual
<i>A Provincia de Matto Grosso</i> (Cuiabá)	Ano I - 1879 Ano XI - 1889	1880-1890	\$400	Semanal Domingo	*	*	8\$000	15\$000
<i>O Republicano</i> (Cuiabá)	Ano I - 1895 Ano IV - 1899 Interrupção Ano I - 1916 Ano VIII - 1950	1890-1920	\$200	Semanal Quinta e Domingo	*	*	8\$000	15\$000
<i>Oasis</i> (Corumbá)	Ano I - 1888 Ano IX - 1896	1880-1900	*	*	*	*	*	*



<i>A Reação</i> (Cuiabá)	Ano I - 1902 Ano 1913	1900-1920	*	periódica Domingo	*	6\$000	*	*
<i>O Autonomista</i> (Corumbá)	Ano I - 1904 Ano V - 1909	1900-1910		Semanal sábado	*	5\$000	9\$000	17\$000
<i>O Corumbaense</i> (Corumbá)	Ano I - 1880 Ano IX - 1889	1880-1890	\$160	Uma vez por semana Domingos	1\$000	*	8\$000	14\$000
<i>O Brasil</i> (Corumbá)	Ano I - 1902 Ano VIII - 1910	1900-1910		Semanal				

Fonte: PINTO, 2018.

***a informação não consta nas edições examinadas**

No quadro acima é possível observar o registro de títulos examinados, com enfoque no período de circulação entre os anos de 1880 a 1920. Estratégia metodológica para compreender a circulação dos jornais, a consolidação dos dados em formato de quadros auxilia na visualização dos dias da semana em que vinham à público, valores comerciais praticados para venda avulsa e/ou modalidades de assinatura, períodos de circulação e interrupção. Todos esses aspectos foram analisados à luz do período em que circularam, classificados metodologicamente por décadas de estudo, o que favoreceu compreender, na medida do possível, as continuidades e rupturas do projeto editorial em exame. Em estudo concluído recentemente (PINTO, 2018) foram examinados os 7 (sete) títulos mencionados no quadro 1, buscando entender o papel dos editores e redatores, como intelectuais do seu tempo, e com atuação na imprensa e em diversos setores da sociedade.

Majoritariamente, no período a que se refere esse estudo, os jornais circularam nas cidades de Cuiabá e Corumbá, posto que essas localidades ocuparam postos de destaque na configuração política e econômica do Estado, em virtude de serem importantes entrepostos comerciais. João Carlos Souza estabelece um panorama para o cenário daquela localidade, revelando seus pontos fortes e suas fragilidades:

É significativo que a navegação internacional, que tinha seu ponto terminal em Corumbá e era realizada por navios de maior calado, já na primeira década após a Guerra com o Paraguai, contribuiu para que a cidade se tornasse polo de distribuição das mercadorias para a capital Cuiabá, bem como para outras regiões da Província. (SOUZA, 2008, p. 36)



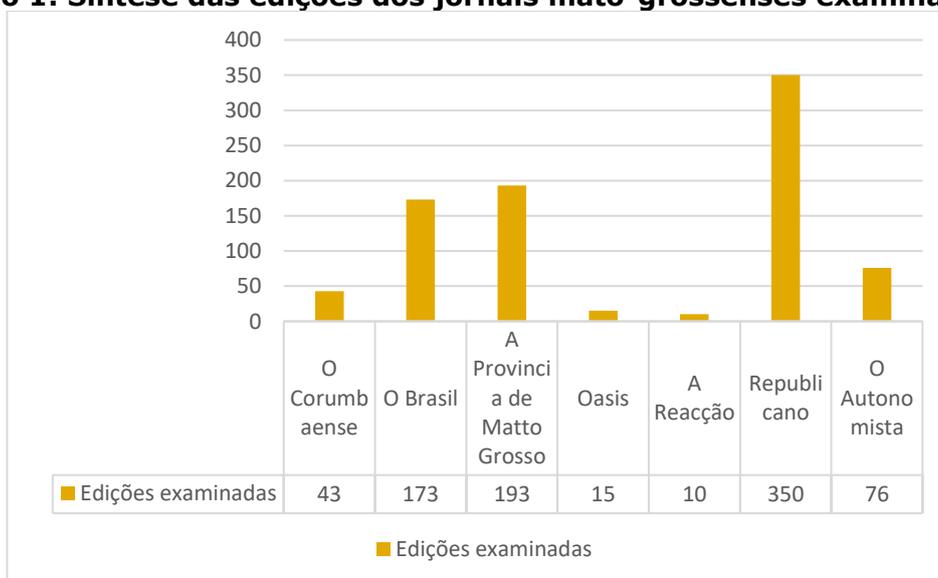
E em outra passagem destaca,

Assim como o telégrafo, a ferrovia gerou expectativas de grande progresso para a região sul do estado e a imprensa identificava essas novas tecnologias de comunicação e transporte como o ingresso, o passaporte que colocaria Mato Grosso no nível da civilização. Cada um desses acontecimentos provocou análises que partiram de pressupostos comuns sobre o significado desses símbolos da modernidade, mas com percepções diferentes quanto aos seus resultados com relação ao futuro das duas principais cidades de Mato Grosso, a capital Cuiabá e a portuária Corumbá. (SOUZA, 2008, p. 49)

Os sujeitos dessa história que se busca ensaiar estiveram ligados direta e indiretamente a lugares sociais que lhes possibilitaram, em boa medida, difundir seus interesses pessoais ou dos grupos aos quais pertenciam, militavam ou eram vinculados em âmbito profissional ou religioso. Dar visibilidade à essas redes de atuação, espaços de sociabilidade e conformação de ideias e interesses socioculturais, com fundo por vezes moral-educacional, é tarefa para o pesquisador que deseja debruçar-se sobre esses “papeis velhos”.

Em termos quantitativos, o Gráfico 1 evidencia a documentação examinada:

Gráfico 1: Síntese das edições dos jornais mato-grossenses examinadas



Fonte: PINTO, 2018.



O Gráfico 1 possibilita perceber o volume de material examinado em estudo já referido: 860 dias de jornais, classificados nos títulos e períodos de estudo que seguem: *O Corumbaense* (1880-1890), *O Brasil* (1900-1910), *A Província de Matto Grosso* (1880-1900), *Oasis* (1890-1900), *A Reacção* (1910-1920), *Republicano* (1890-1920) e *O Autonomista* (1900-1920), os quais no diálogo com o quadro 1 torna-se possível ampliar as informações sobre cada um dos títulos. A estratégia da quantificação, apoiada em uma estatística descritiva, dá visibilidade aos dados, tornando a hipótese de trabalho mais factível aos olhos do leitor.

Os jornais inscrevem-se nesse movimento de povoamento, organização e expansão do território mato-grossense, explorados em estudos históricos regionais. A profusão de títulos, observada por Moraes (2003), reconhecida neste trabalho, insere-se em uma ambiência nacional, descrita por Eliana Dutra como República das Letras, movimento que estava em curso desde os anos de 1840 (DUTRA, 2005). A prática do jornalismo tornaria-se, para aqueles sujeitos históricos, o lugar mais adequado de obter rendimentos, gratificações e posições intelectuais, funcionando paralelamente às atividades profissionais e políticas desenvolvidas por muitos que escreviam nos jornais da época, sendo um “expressivo canal de divulgação de seus textos e ensaios” (DUTRA, 2005, p. 22).

Os jornais, em conformidade com José Murilo de Carvalho, foram formas de traduzir em ações concretas os princípios de uma época.

Após 1821, vários jornais apareceram representando grupo, facções, ou mesmo indivíduos isolados. Muitos dos principais políticos da época, e alguns dos principais intelectuais (frequentemente eram as mesmas pessoas), tinham seu jornal. Em geral de curta duração, essas folhas eram o principal veículo de debate político e cumpriram papel importante no aprendizado democrático. (CARVALHO, 2000, p. 139).

O interesse em dar a conhecer esses “sujeitos ordinários” (CERTEAU, 2014) da escrita mato-grossense, Homens de Letras (DUTRA, 2005), Homens de Saber ou Ancestrais da Intelectualidade





(BOTO, 2017), Escritores-cidadãos (SEVCENKO, 1983), intelectuais-historiadores (GOMES, 2013) ou grupo de notáveis, como aponta o historiador sul mato-grossense Oswaldo Zorzato (1998), sustenta a hipótese defendida neste texto, que os qualifica como intelectuais mediadores. Quem foram, onde estiveram, que recursos de escrita mobilizaram para expor suas ideias, de seus grupos de pertencimento social e cultural e como a imprensa, em caráter decisório, torna-se ferramenta essencial para o alcance de seus objetivos. Sabe-se que vários, além de escrever na imprensa, também eram professores, isso ampliava suas possibilidades de intervenção no espaço público? Qual o papel desempenhado pela imprensa que, como se sabe, era um elemento essencial da constituição do campo letrado no Brasil? Antes ainda, vale questionar: seria o jornal um meio de comunicação “nobre” e significativo para circulação de ideias desses intelectuais?

Em relação a Mato Grosso, Sibeles de Moraes ensaia uma análise sobre os papéis atribuídos aos intelectuais do Estado. Na visão dessa autora, Mato Grosso destoava da construção de uma imagem progressista e moderna que se pretendia do Brasil entre a segunda metade do século XIX e início do XX, visto que “Mato Grosso, a partir do olhar do viajante estrangeiro, era visto como uma região de “atraso”, de “vazio”, e a população local como “incivilizada” (MORAES, 2003, p. 14-5). Nesse sentido, destaca o esforço dos intelectuais mato-grossenses na busca por um novo conceito, contrário àquele que dominava o território: “Assim, as manifestações culturais mato-grossenses constituíam-se na busca da construção da identidade regional, com o resgate da origem bandeirante do povo de Mato Grosso. Paradoxalmente, esse passado permitia pensar, aos olhos desses intelectuais, em um Mato Grosso promissor de riquezas inesgotáveis. ” (MORAES, 2003, p. 14-5).

Perpassa a essa noção de intelectual a legitimidade na produção de discursos veiculados de modo a formar opiniões sobre os aspectos aos quais se relaciona. Há que se contar, ainda, com a validação e reconhecimento dos pares em seu espaço de inserção. Esses intelectuais assumiram a função de historiadores de Mato Grosso, com a incumbência de forjar a memória e história da localidade visando à





conformação de uma identidade regional. No entanto, pretende-se ampliar esse grupo buscando na imprensa sujeitos afastados do campo intelectual, mas qualificados como “intelectuais de seu tempo”(GOMES, 2013, p. 38), por sua posição no campo cultural, político e social, e por sua participação ativa na imprensa regional. Corroborar-se, assim, com o entendimento de Gomes quando sinaliza que “o ofício de historiador era executado por uma categoria mais abrangente de intelectuais: dos ‘homens de letras’” (GOMES, 2013, p. 38).

A importância desses sujeitos históricos, no lugar que estiveram e ocuparam dentro de uma certa tradição historiográfica regional, ampliada pelas lides com a imprensa, produzida por outros sujeitos ordinários, que a seus modos, em seus espaços de produção e circulação de ideias, também desempenharam papéis semelhantes, possivelmente, com menos projeção, mas não com menos importância simbólica. Ao se posicionarem sobre política, modos de educação, religiosidades, elementos da tradição histórica e cultural ou amenidades, os “nossos homens de letras” teceram uma rede de conhecimento, ora paralela aos intelectuais constituídos e consolidados no cenário local, ora antagônica, pois enfrentaram temas considerados menos nobres, do ponto de vista das formulações de pensamento, mas que interferiram significativamente na compreensão de aspectos socioculturais da vida cidadina, seguidos de preceitos morais, curiosidades, ditados populares, charadas, poemas, anedotas.

A circulação em duas a três vezes por semana foi considerada um dado significativo para compreender as representações forjadas por grupos de editores bem como os interesses em voga. Por meio das notas da imprensa era possível vislumbrar aspectos da sociedade mato-grossense, tendo em vista que o regime republicano se encontrava em vias de implementação, e em momento seguinte mais sedimentado, ainda que guardando significativas marcas do regime consolidado nas tradições familiares herdadas do império. Dos anos de 1880 em diante, de acordo com o ideário político que orientava o desenvolvimento do país, Mato Grosso estaria na agenda de





localidades a receber atenção, em virtude de sua condição geográfica favorável para a produção agropastoril e do seu amplo território, ainda a ser explorado.

Em relação ao processo de povoamento/ocupação, à época da transição dos regimes políticos, Mato Grosso contava em 1890, 12 municípios; em 1900, 14 municípios; em 1910, 17 municípios e encerra em 1920 sinalizando 21 municípios distribuídos no território mato-grossense. O quadro 2 sinaliza a organização territorial de Mato Grosso.

Quadro 2- Relação dos Municípios de Mato Grosso (1890 a 1920)

1890	1900	1910	1920
Corumbá (S)	Campo Grande	Aquidauana	Aquidauana
Cuiabá	Coxim	Bela Vista	Bela Vista
Diamantino	Corumbá	Campo Grande	Campo Grande
Levergeria	Cuiabá	Corumbá	Corumbá
Livramento	Diamantino	Coxim	Coxim
Mato Grosso	Livramento	Cuiabá	Cuiabá
Miranda (S)	Mato Grosso	Diamantino	Diamantino
Nossa Senhora do Rosário Acima	Miranda(S)	Livramento	Livramento
Poconé	Nioac (ex-Levergeria)	Mato Grosso	Mato Grosso
Santana do Paranaíba (S)	Nossa Senhora do Rosário Acima	Miranda (S)	Miranda (S)
Santo Antonio do Rio Abaixo	Poconé	Nioac	Nioac
São Luiz de Cáceres	Santana do Paranaíba (S)	Nossa Senhora do Rosário Acima	Poconé
	Santo Antonio do Rio Abaixo	Poconé	Ponta Porã
	São Luiz de Cáceres	Santana do Paranaíba (S)	Porto Murtinho
		Santo Antonio do Rio Abaixo	Registro do Araguaia
		Santo Antonio do Rio Madeira	Rosário do Oeste (ex-Nossa Senhora do Rosário Acima)
		São Luiz de Cáceres	Santana do Paranaíba
			Santo Antonio do Rio Abaixo
		Santo Antonio do Rio Madeira	
		São Luiz de Cáceres	



			Três Lagoas
Total: 12	Total: 14	Total: 17	Total: 21

Fonte: FANAIA, 2010, p. 75.

Adapt.: PINTO, 2018.

Muitos dos embates políticos e religiosos assumiam postura de enfrentamento explícito nos jornais, apresentando, por exemplo, rivalidades entre os grupos católicos e anticlericais, em nome da divulgação e consolidação de um conjunto de ideias que levaria, supostamente, Mato Grosso à superação do estado de latência em que se encontrava. Em meados de 1910, a Liga dos Livre-Pensadores valeu-se da imprensa periódica para demarcar seu espaço de atuação, divulgar ideais e publicizar antagonismos em relação aos grupos religiosos estabelecidos, sobretudo àqueles vinculados à Igreja Católica.

O jornal *A Reacção* foi porta-voz deste grupo, congregando número significativo de membros que ocupavam lugares socialmente destacados nas sociedades cuiabana e corumbaense. Os católicos, por sua vez, constituíram, segundo Moraes “um grupo intelectual ligado Igreja Católica” (2003. p. 28) valendo-se igualmente da imprensa para promulgar suas ideias e realizar tanto suas defesas quanto acusações ao grupo opositor. O jornal *A Cruz*, considerado por Canavarros “o mais representativo da cidade [de Cuiabá] do ponto de vista cultural (...) tinha enfoque cultural e preocupação catequética, doutrinária, procurando travar embates de ideias, valores, evitando as configurações personalísticas e partidárias” (CANAVARROS, 2009, p. 359) figurou como importante elemento para compor o cenário de disputas à época.

Os textos em ambos os jornais personalizavam, sem dúvida os comportamentos considerados inadequados e ideias fora do lugar.

Ao registrar a significativa participação de religiosos nos debates socioculturais, estes alçam também à condição de intelectuais mediadores: atuaram como professores em escolas das congregações e públicas; foram diretores de instituições escolares destinadas à



formação da elite mato-grossense; compartilharam de equipes editoriais de jornais diversos; produziram manuais de ensino; editaram e colaboram em Revistas, a exemplo da *Revista Matto Grosso* (PINTO, 2010), promovendo a difusão de conhecimento sobre seus valores e outros de maior envergadura, como seu projeto educacional para a sociedade mato-grossense.

Em Franco localizou-se outra abordagem sobre o papel e importância atribuída aos intelectuais em Mato Grosso. A autora destaca que “um dos exemplos esse esforço, e dos objetivos que uniam a intelectualidade mato-grossense, pode ser observado através da representação dos símbolos do estado como, no caso, a composição do brasão de armas, elaborado em 1918. (...) A simbologia da imagem do brasão e os temores que rondavam a intelectualidade mato-grossense demonstram o poder que a memória coletiva possui.” (FRANCO, 2009, p. 43) Ao que nos parece os estudos sobre os intelectuais mato-grossenses buscam versar e identificar o papel destes profissionais, que assumiram o papel de historiadores de Mato Grosso, a incumbência de forjar a memória e história da localidade com vistas à conformação do perfil identitário regional.

Nesse sentido, ampliamos a análise, partindo da importância desses sujeitos históricos, no lugar que estiveram e ocuparam dentro de uma certa tradição historiográfica regional, contudo, oportunizamos, por meio da imprensa, conhecer outros sujeitos ordinários, que a seus modos, nos seus espaços de produção e circulação de ideias, também desempenharam papel semelhantes, possivelmente, com menos expressão divulgada, mas não com menos importância simbólica, como já sinalizado anteriormente.

As obras que dão conta dos momentos iniciais da imprensa em Mato Grosso tendem a apresentar caráter laudatório, mas são importantes por conterem informações que permitem redesenhar o caminho da imprensa no estado. Pedro Rocha Jucá divide o desenvolvimento da imprensa mato-grossense em três fases:

A primeira corresponde à da Typographia Provincial, que vai de agosto de 1839 a 31 de agosto de 1848, quando a primeira tipografia oficial mato-grossense foi posta em hasta pública





[...]. A segunda fase é a dos jornais particulares publicando os atos oficiais, compreendendo o período que vai de 2 de setembro de 1848, quando circulou o primeiro número do jornal ECHO CUIABANO, editado pela gráfica montada com a aquisição do equipamento da Typographia Provincial, indo até o dia 2 de maio de 1890, quando o general Antonio Maria Coelho, primeiro governador do Estado de Mato Grosso, rescindiu, pelo seu Acto n. 181, o contrato celebrado com o Sr. Victal Baptista de Araujo, proprietário do jornal "A GAZETA", para publicar os atos oficiais. A terceira fase, a atual, começou dia 8 de maio de 1890, com a implantação da Typographia do Estado, e com a circulação do primeiro número do jornal "GAZETA OFFICIAL" (JUCA, 1986, p. 04).

Defendemos a proposição de que a imprensa deve ser colocada ao lado dos progressos materiais que gradativamente chegavam a Mato Grosso nas décadas finais do XIX e primeiras do século XX, constituindo-se ela mesma num agente transformador. Os jornais difundiam os ideais das instâncias políticas e do poder, representados pelas famílias tradicionais, que se alternavam na direção do estado e se ramificavam pelas municipalidades. Os jornalistas, categoria ainda fluída à época em termos profissionais, desfrutavam de legitimidade social, pois se vinculavam à produção, circulação e divulgação de valores notadamente reconhecidos e valorizados socialmente.

Lylia Galetti fornece argumento para atestar a relevância do estudo sobre os impressos, ao sinalizar a importância da cultura escrita para a conformação do ideário de nação mato-grossense:

Um povo que desejasse ser uma nação teria que preencher ao menos três critérios: ter uma história, um passado que demonstrasse sua associação a um Estado estruturado, de passado recente ou "razoavelmente durável"; ter uma elite cultural "[...] longamente estabelecida, que possuísse um vernáculo administrativo literário escrito; provada capacidade para a conquista, sinal do sucesso evolucionista enquanto espécies sociais." (HOBBSAWN, 1990, apud GALLETI, 2012, p. 25, grifos nossos).

Partindo de uma conceituação ampla de intelectuais, tal como proposta por Jean-François Sirinelli (1998, 2003), incluem-se professores e educadores profissionais no caso mato-grossense. Não raro, os jornalistas da época fundaram escolas, atuaram em instituições como a Escola Normal de Cuiabá, o Liceu Cuiabano e em outras instituições escolares, permitindo efetivar a ampliação do





conceito de intelectual, compreendido para além dos membros de Associações Científicas ou Literárias, dos Institutos Históricos do Rio de Janeiro e, posteriormente, de Mato Grosso ou conceituados memorialistas referenciados por uma parte da historiografia mato-grossense. Nessa direção, as observações de Maria Teresa dos Santos Cunha, ao analisar o papel de professores na produção de manuais de normas de civilidade, corroboram com nosso entendimento:

professores são considerados gente de letras, são intelectuais: aqueles que escrevem e produzem ligados às demandas do seu tempo. Gentes de letras lêem e escrevem; pelas artes da escrita salvam os seres humanos do esquecimento, transmitem as suas interioridades, mesmo aos distantes ou ausentes, eternizam em folhas idéias e saberes, elevam a significados diversos a ordem do existente (CUNHA, 2007, p. 97).

Ao qualificar esse grupo de sujeitos como intelectuais mediadores, consideramos a mediação cultural que desempenham, por definição educativa, pois parte de um princípio que os sujeitos históricos pretendem deixar um legado de conhecimentos aos pósteros.

A figura do intelectual, como sujeito pensante e agente, ganha centralidade e concretude. Os intelectuais têm um processo de formação e aprendizado, sempre atuando em conexão com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e tendo intenções e projetos no entrelaçamento entre o cultural e o político. Nessa acepção, o conceito de intelectual é, como todos os conceitos políticos e sociais, fluido e polissêmico. (GOMES & HANSEN, 2016, p. 12).

Em uma abordagem mais clássica no campo, Jose Murilo de Carvalho assevera que muitos dos intelectuais que publicavam nos jornais de época, assumiam publicamente o papel de “educadores da opinião, de pedagogos da cidadania, ou, na linguagem da época, de divulgadores das luzes. O próprio nome do jornal às vezes reflete tal propósito.” (CARVALHO, 2000, p. 139) Conforme assinala Marco Morel, “esses novos agentes culturais e políticos, os redatores, tinham nome e rosto na sociedade que buscava se efetivar como nação brasileira. Eram, com frequência, construtores do Estado nacional.” (MOREL, 2008, p. 39). Editores, articulistas, redatores, se tornaram, a nosso ver, personagens importantes, pois traduziram, por meio da sua



escrita, determinados modos de ver e entender a sociedade, a partir de seus lugares sociais.

Os estudos inaugurais de Oswaldo Zorzato (1998) e Lylia Galetti (2012) abordam, em momentos distintos, a configuração e representação de aspectos ligados à instauração de uma cultura intelectual em Mato Grosso para contrapor um conjunto de representações forjadas sobre o território, a partir da leitura de memorialistas, viajantes e outros “forasteiros” que escreveram sobre Mato Grosso, sem, contudo, abordar essa problemática pela via dos impressos periódicos. Zorzato destaca três obras emblemáticas para a historiografia de Mato Grosso, produto de historiadores regionais – *Quadro Corográfico de Mato Grosso* (1906), *Datas Mato-Grossenses* (1919), ambas de Estevão de Mendonça e a produção encomendada *Álbum Gráfico de Mato Grosso* (1914). Desse cenário emergem os nomes e trajetórias de: “(...) Antônio Fernandes de Souza, Firmo Rodrigues, Filogônio de Paula Corrêa, João Barbosa de Faria, Estevão de Mendonça, José Barnabé de Mesquita e Virgílio Corrêa Filho. De todos eles, os três últimos são, sem dúvida, os de maior expressão para a memória historiográfica mato-grossense.”(1998, p. 28). Atuando como historiadores, com participação ativa na imprensa mato-grossense, não passaram, na análise de Zorzato de “escribas dos governos os quais estão ligados e que, em geral, viabilizam as publicações de suas obras.” (1998, p. 163)

Embora essa movimentação compreenda os anos de 1890 a 1930, o autor relativiza a contribuição da imprensa periódica. Com base em Sirinelli (1998, 2003), deduz-se que o grupo ao qual Zorzato qualifica como elite intelectual mato-grossense constitui-se também, ao lado de outros, como intelectuais mediadores. Dentre estes identificamos professores, como Filogônio de Paula Correa, Gustavo Kuhlmann e Firmo Rodrigues, que atuaram no Liceu Cuiabano e foram ainda redatores, editores e/ou colaboradores nos jornais em circulação. Sirinelli pontua que em determinados momentos da história os estudos sobre as elites culturais situam-se numa espinhosa





encruzilhada, visto que por vezes os mesmos sujeitos do campo cultural situam-se e movimentam-se fortemente no campo político.

Os intelectuais qualificados por Zorzato foram aqueles, também memorialistas, que consolidaram por meio de obras extensas e vultuosas, algumas com características de compêndios, uma historiografia mato-grossense. São sujeitos históricos que estiveram envolvidos em várias esferas da vida social, pública e política, mas não foram os únicos. Sob esse aspecto, valem as indicações de Sirinelli: "O meio intelectual não é um simples camaleão que toma espontaneamente as cores ideológicas de seu tempo. Concorre, pelo contrário, para colorir o seu ambiente. Os letrados raciocinam de maneira endógena, mas o ruído dos seus pensamentos ressoa no exterior." (SIRINELLI, 2003, p. 265).

Há que se considerar, para o exame das mediações culturais e circulação de ideias, os diálogos estabelecidos para além das fronteiras mato-grossenses, via permutas/trocas entre os jornais, o que colocava Mato Grosso em uma rota significativa de lugares pelos quais a informação precisava chegar. Registram-se o recebimento de notícias de Campinas (SP), Pelotas (RS), Rio de Janeiro. Em 1881 lia-se n' *O Corumbaense*:

***Jornaes:** Recebemos pelo último paquete os seguintes jornaes, cuja remessa agradecemos: O Cruzeiro, Gazeta de **Campinas**, Diario de **Santos**, O **Cearense**, O Regenerador, Tribuna do Commercio, Baixo **Amazonas**, Gazeta de **Uberaba**, A Provincia de **Minas**, Monitor Campista, O Commercio, O **Espirito Santense**, Diario de Noticias, O Leopoldinese, O Tribuno e Le Messenger du Brésil. (Noticiario, O Corumbaense, n. 60, 16/02/1881, p. 02).*

Os recursos de transcrição das notas da imprensa nacional e estrangeira, frequentemente utilizados pelos redatores no período, são entendidos como estratégias discursivas as quais fomentam os princípios de circulação de ideias: formas de evidenciar o conjunto de referências tidas como modelares para a implementação de práticas culturais e sociais. Revelam o conhecimento de situação de outras localidades, internas e externas ao país, fomentam e estimulam o





desenvolvimento, em conformidade com os padrões que se almejava para o período. Ao eleger sistemas de referência, pautados pelo sucesso obtido a imprensa mato-grossense se revela atenta à movimentação sociocultural do mundo moderno, direcionando seus esforços para que essas conquistas chegassem até o Brasil Central. Acusados de fazer uma história imediata, esses ilustres anônimos deixaram sua marca, mesmo que sob pseudônimos variados de uma mesma pessoa, na construção de modos de ler a realidade social do período em que se inseriram.

TRILHANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA COM IMPRENSA: CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES

Ao associar os nomes às ideias não se pretende criar formulações apologéticas sobre esses ou aqueles sujeitos, visto que este estudo não se propõe a isso. A chave de leitura que perpassa a essa investigação assenta-se na importância da imprensa jornalística como espaço privilegiado da atuação de todos aqueles sujeitos, ainda que uns mais que outros, configurando esse espaço como de “compartilhamento de sentimentos, sensibilidades e valores, que podem produzir solidariedades, mas igualmente competição.” (GOMES; HANSEN, 2016. p. 24).

A perspectiva de o impresso periódico ser “um dos vetores da modernidade” como qualifica Valeria Guimaraes (2017, p. 88) fortalece o argumento que vem sendo defendido nos estudos em desenvolvimento que, em Mato Grosso, ao lado de outros adventos a imprensa periódica foi também um símbolo da modernidade, mesmo que com características limitadas, face ao desenvolvimento em outras localidades do país.

Pode-se afirmar, com base no estudo realizado, nos mapeamentos feitos, que o período entre os anos de 1880 a 1920 foi crucial para a consolidação de grupos de intelectuais em Mato Grosso, que pautaram a imprensa periódica e a produção dos impressos como lugar privilegiado de sua projeção. Tal constructo corrobora para o entendimento de que o estudo dos e sobre os impressos mato-





grossenses merece lugar de desvelo na produção da historiografia regional, visto que alinha os interesses, aponta as disputas, evidencia direta e indiretamente os debates e embates de grupos que se alternam no poder, demonstram espaços de sociabilidades e redes de relação feitas e desfeitas à propósito dos interesses de “plantão”, outrossim, permitem evidenciar outros sujeitos históricos que extrapolam em muito a pequena rede de historiadores reverenciada na produção do e sobre o Estado, assentada no “grupo de notáveis”, qualificados por Zorzato, justificada em boa medida, pelo lugar social (nobiliárquico, como sinalizaria Jose de Mesquita), dado pelas origens familiares e derivadas das uniões maritais entre essas famílias, somando-se ao fato de que muito da produção desses outros “notáveis anônimos”, alguns dos quais este estudo traz à luz, circularam pelos mesmos espaços reverenciados de produção do conhecimento que os anteriores, não tendo, contudo, a projeção de seus consórcios.

Os impressos, ao longo desses 40 anos, integram corpus significativo para compreender a história do Estado, visto que são produzidos em diversas tipologias, a saber: Jornais, Revistas, Album Gráfico, Catálogo, Livros assumindo, por associação a manutenção e preservação da memória que se deseja, com base no conjunto de ideais que mobiliza seus proponentes e autores.

Em linhas gerais, percebe-se com um exame panorâmico pela produção dos impressos entre os anos que sucedem à década de 1920, que esse movimento perde força, dada a constante reiteração que pode ser observada na produção histórica aos ilustres historiadores do início do século, e a constante manutenção da historiografia por eles consolidada no período, o que sugere a força das representações construídas, a partir dos lugares de poder simbólico que ocupavam aqueles historiadores. Não se pretende, aqui, proceder à desconstrução de modelos que seguem operantes na produção e nas forma de registrar e contar a história de Mato Grosso. Não obstante, importa destacar que abrem-se outras possibilidades, a partir da documentação examinada neste estudo, de ampliar as matrizes do pensamento consolidado, dando visibilidade a outros sujeitos, outros temas, e outras formas de interpretação dos momentos retratados.





FONTES

A Província de Matto Grosso. Edições de 1880 a 1890. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010.

O Brazil. Edições de 1900 a 1910. Corumbá. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (Cuiabá), 2010.

O Corumbaense. Edições de 1880 a 1890. Corumbá. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010.

Republicano. Edições de 1890 a 1920. Cuiabá. 2010. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010; Arquivo Público do Estado de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: APE-MS, 2011.

Oasis. Edições de 1880 a 1900. Corumbá. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010.

Autonomista. Edições de 1900 a 1910. Corumbá. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2010.

A Reacção. Edições de 1909 a 1912. Corumbá. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: APMT, 2017.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTO, Carlota. **Instrução Pública e Projeto Civilizador:** o século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da escola. São Paulo: Editora da Unesp, 2017.

CARVALHO, Jose Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi.** Rio de Janeiro, 2000, nº 1, p. 123-152

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Ser de cerimônia: Manuais de civilidade e a construção de sujeitos históricos (1920-1960) In: NEPOMUCENO, Maria de Araujo, TIBALLI, Eliana Figueiredo Arantes (Orgs.) **A**



Educação e seus sujeitos na História. Belo Horizonte, MG, ARGUMENTVM, 2007.

DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes Literários da República:** história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

FANAIA, João Edson de Arruda. **Elites e Prática Políticas em Mato Grosso na Primeira República (1889-1930).** Cuiabá: EdUFMT – Fapemat, 2010.

FRANCO, Gilmar Yoshihara. **O binóculo e a pena:** a construção da identidade mato-grossense sob a ótica virgiliana (1920-1940). Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

GALLETTI, Lylia da S. Guedes. **Sertão, Fronteira, Brasil:** imagens de Mato Grosso no mapa da civilização. **LIVRO,** Cuiabá, MT: Entrelinhas: EdUFMT, 2012.

GOMES, Angela de Castro. **História & Historiadores.** 1ª. reimpr. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 2013.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. (orgs.) **Intelectuais Mediadores:** práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GUIMARES, Valéria. Imprensa franco-brasileira e mediação: Rio de Janeiro e São Paulo, século XIX-XX. In: LUCA, Tania Regina de; GUIMARAES, Valéria. (orgs.) **Imprensa Estrangeira Publicada no Brasil:** primeiras incursões. São Paulo: Rafael Copetti Editor, CNPq, 2017. p. 88.

JUCÁ, Pedro Rocha. **Imprensa oficial de Mato Grosso.** Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso, 1986. 221 p.

JUCÁ, Pedro Rocha. **Imprensa oficial de Mato Grosso:** 170 anos de história. (com ilustrações). Cuiabá: Aroe, 2009. Disponível em: <<http://www.iomat.mt.gov.br>>. Acessado em: 10 de maio de 2010.

LUCA, Tania Regina de. A historia dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas.* 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.





LUCA, Tania Regina de; GUIMARAES, Valéria. (orgs.) **Imprensa Estrangeira Publicada no Brasil: primeiras incursões**. São Paulo: Rafael Copetti Editor, CNPq, 2017.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, Sibebe. **O Episcopado de D. Carlos Luiz d'AMOUR (1878-1921)**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2003.

MOREL, Marco. Os Primeiros passos da palavra imprensa. LUCA, Tânia Regina de, MARTINS, Ana Maria. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MORGADO, Eliane Maria Oliveira (org.) **Catálogo de jornais, revistas e boletins de Mato Grosso 1847-1985**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

PINTO, Adriana Aparecida. **A Eschola Publica**: um estudo da pedagogia paulista (1893-1896). Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UNESP, 2001. Marília, SP.

PINTO, Adriana Aparecida. **A Revista Matto Grosso em um itinerário de pesquisa**: Mapeamento da Revista Matto-Grosso em Arquivos de Cuiabá. Mimeo. Cuiabá, 2010.

PINTO, Adriana Aparecida. **Imprensa e Ensino**: catálogo de fontes para o estudo da história da educação mato-grossense. Dourados, MS: EdUFGD, FUNDECT, 2017.

PINTO, Adriana Aparecida. **Nas páginas da imprensa**: instrução/educação nos jornais em Mato Grosso: 1880-1910. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 2013 Araraquara, SP.

PINTO, Adriana Aparecida. Relatório de Pós-Doutorado apresentado ao departamento de História. UNESP, Assis, 2018. (mimeo).

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (dir.) **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. Coleção Nova História.





SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (org.) **Por uma história política**. tradução Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOUZA, João Carlos de. **O Sertão Cosmopolita**: tensões da modernidade de Corumbá. (1872-1918). São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2008.

ZORZATO, Osvaldo. **Conciliação e Identidade**: construções sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983). Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP. 1998.

Recebido em: 02 de outubro de 2018
Aceito em: 29 de novembro de 2018

